

Discurso de tomada de posse

3 de maio de 2017

Senhor Presidente da República

Senhores Presidentes Doutor Jorge Sampaio e

Professor Aníbal Cavaco Silva,

Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente

Senhor Doutor Artur Santos Silva

Cara e Caros Colegas

Caros colaboradores da Fundação

Minhas Senhoras e Meus Senhores

I. Introdução

É com um sentimento de profunda gratidão pelo nosso Fundador e pela instituição que criou que aceito a confiança que os meus colegas do Conselho de Administração em mim depositaram.

As minhas primeiras palavras são naturalmente para o Senhor Presidente da República, que nos honra e que tanto gosto nos dá com a sua presença.

Agradeço também a todos os amigos e colaboradores da Fundação que se quiseram associar a este momento especial, e com os quais todos os dias construímos esta obra sempre inacabada que é a Fundação Calouste Gulbenkian.

Minhas senhoras e meus senhores,

Confesso que no momento em que o Dr. Santos Silva me desafiou, a primeira imagem que me ocorreu foi aquela sucessão da galeria de retratos dos Presidentes desta casa – Doutor José Azeredo Perdigão, Professor Ferrer Correia, Doutor Victor de Sá Machado, Doutor Emílio Rui Vilar e agora Doutor Artur Santos Silva, personalidades tão conhecidas e admiradas na sociedade portuguesa, que despertam uma mais do que merecida reverência.

Realista como sou, a verdade é que naquele momento senti uma certa apreensão face à magnitude da tarefa.

Mas como sou uma mulher de coragem, e sei que na vida nada acontece por acaso, e que tudo tem o seu tempo, foi com grande determinação que assumi este desafio.

Hoje é sem dúvida um dos dias mais marcantes da minha vida. Tenho a consciência de que o privilégio de assumir a presidência da Fundação Calouste Gulbenkian é apenas excedido pela responsabilidade de servir uma instituição cujo legado ao serviço do bem comum a todos nos honra.

Fá-lo-ei com humildade, entusiasmo e sentido do dever, sabendo que posso contar com um grupo de Colegas cujas qualidades pessoais e profissionais são ímpares.

É também um estímulo saber que a Fundação tem um conjunto de colaboradores que respeita e personifica o extraordinário legado da Fundação dos últimos 60 anos.

Gostava hoje de recordar e sublinhar os tantos exemplos de dedicação, lealdade e compromisso que, no fundo, são a

alma desta casa. Num momento em que uma geração mais nova está a ser chamada a novas responsabilidades, importa que esta **renovação** assente numa verdadeira cumplicidade entre todos, de acordo com a própria cultura da instituição.

II. Agradecimentos

Suceder a uma personalidade com o prestígio do Doutor Artur Santos Silva torna ainda mais exigente a responsabilidade que me atribuíram.

A Fundação muito deve à sua liderança sempre presente e dedicação, rigor, curiosidade intelectual, espírito empreendedor e capacidade de mobilização.

Como tivemos oportunidade de ouvir, inspirou-nos a levar a Fundação cada vez mais para fora destes muros, chegando mais longe, dentro e fora do País, a sua preocupação principal, e alargando as nossas redes de parceiros e interlocutores.

Muito obrigada, Artur, Caro Presidente, por continuar a linhagem de presidentes ilustres da Fundação Calouste Gulbenkian.

Sei que vou romper a tradição coimbrã da Faculdade de Direito - sou mulher, economista e de Lisboa - mas julgo que é mais uma prova da extraordinária capacidade de adaptação e evolução da Fundação.

Neste momento tão especial, quero também reconhecer publicamente o quanto devo aos mestres que, ao longo da minha carreira, me orientaram e sempre me deram asas para poder voar. Estou a pensar na Eng.^a Alexandra Gomes, nos Professores Cavaco Silva e Valente de Oliveira, no Dr. Emílio Rui Vilar e, abusando do protocolo, no próprio Prof. Marcelo Rebelo de Sousa.

III. Enquadramento

Caros Colegas, Colaboradores e Amigos,

Recordo muito bem o dia em que comecei a trabalhar nesta casa e, mais de 20 anos depois, tudo na Fundação me é próximo e familiar.

Conheço as pessoas e os desafios que a instituição hoje enfrenta. Acompanhei bem de perto as mudanças que a Fundação foi vivendo nas últimas décadas, em função dos constrangimentos da sua perpetuidade, ou da própria alteração do contexto da sua intervenção.

Assumo todas as escolhas passadas, e estou certa que os meus Colegas do Conselho de Administração me acompanham nos **compromissos** que considero essenciais para que a Fundação continue a desempenhar, de forma exemplar, a missão que lhe foi confiada por essa personagem fascinante do século XX que foi Calouste Gulbenkian.

Hoje interessa-me, sobretudo, refletir sobre o seu momento presente e sobre as circunstâncias que condicionam o seu futuro. Será a partir desta leitura que construiremos a nossa

agenda, num equilíbrio entre o legado da Fundação e as exigências da modernidade.

Sinto que os portugueses continuam a exigir e a confiar na Fundação Calouste Gulbenkian, o que é um grande estímulo para nós.

Também, a integração nas principais redes de fundações internacionais, que projetou a Fundação para um patamar muito relevante a nível global, é uma mais-valia indispensável para uma eficaz intervenção nos grandes problemas do nosso tempo.

Entre o local e o global, a Fundação deve continuar o seu trabalho filantrópico enquanto instituição portuguesa aberta ao mundo.

Numa coincidência feliz e muito simbólica, o meu mandato inicia-se quando decorre uma das mais importantes exposições que a Fundação alguma vez organizou: José de Almada Negreiros, “Uma Maneira de Ser Moderno”.

O Almada tem, para mim, uma das mais certeiras definições sobre o que significa ser “moderno” e que, como sabem, até deu origem ao título da exposição: “Isto de ser moderno”, dizia-nos, “é como ser elegante: não é uma maneira de vestir mas sim uma maneira de ser. Ser moderno (...)”, conclui, “é ser o legítimo descobridor da novidade”.

Para mim, este é também o principal desígnio da Fundação, - a mais relevante instituição filantrópica portuguesa - **antecipar o futuro e apostar na inovação, ajudando a preparar os cidadãos de amanhã.**

Uma Fundação como a nossa deve assumir-se como agente de mudança, utilizando para esse efeito todos os recursos que tem ao seu dispor, financeiros e não financeiros, bem como toda a sua experiência acumulada.

A par de uma ligação mais estreita entre todas as atividades que a Fundação promove, importa dar maior expressão ao seu papel de mobilização e mediação, ativando o seu poder de convocatória. E contribuindo sempre para a produção de

conhecimento e para o ensaio de soluções para os principais problemas.

Importa compreender que há novos desafios e, mantendo-se fiel às suas finalidades estatutárias, a Fundação tem de ousar trilhar caminhos novos, como, aliás, sempre o fez no passado.

IV. Compromissos

É neste contexto que assumo os seguintes **compromissos**:

1 - O primeiro é, desde logo, **um compromisso com o futuro**, garantindo que a Fundação acompanha os novos tempos, antecipando as questões essenciais que determinam as estruturas do conhecimento e o impacto da tecnologia na sociedade, e que asseguram a sustentabilidade dos recursos naturais e dos sistemas sociais.

2 - O segundo compromisso é **com os mais vulneráveis**, aqueles que mais necessitam do nosso apoio e que, como tal, deverão ser os principais beneficiários da atividade da Fundação. Esta é a responsabilidade primeira de uma instituição filantrópica como a nossa, que a todos pertence.

3 - O terceiro compromisso está relacionado com a importância da cultura, – **falo de arte, de educação e de ciência** - que nos dá a sabedoria e constitui os alicerces da tão necessária tolerância nos tempos conturbados em que vivemos.

Sabemos que uma sociedade culta dificilmente será compatível com uma sociedade que não é solidária.

Como afirmava Sophia de Mello Breyner, em 1975, perante a Assembleia Constituinte, “a cultura não existe para enfeitar a vida mas sim para a transformar para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade, e em justiça”.

A meu ver, a Fundação encontra-se numa posição de vantagem. Dispõe da experiência, mas também de todos os instrumentos necessários para atingir estes três compromissos como um todo.

E esta é a minha mensagem principal: vejo a Fundação como uma instituição filantrópica, única e una, que constrói a sua identidade na diversidade da sua intervenção, da arte à ciência, da educação à beneficência, as quatro finalidades estatutárias definidas pelo nosso fundador, numa combinação equilibrada de recursos.

V. *Agenda*

À luz dos compromissos que mencionei, empenhar-me-ei na promoção da seguinte agenda:

1. Projetar a Fundação como um todo, alinhada pela mesma visão e missão, aumentando o **impacto social das suas atividades**.

Reforçaremos pois o planeamento estratégico e a colaboração entre todas as áreas, articulando virtuosamente as suas valências e competências em torno de uma visão comum.

2. Concretizar uma nova abordagem da política de intervenção da Fundação, orientada para a resolução de problemas, procurando um maior **foco, transversalidade e inovação** assentes em três pilares fundamentais – **a coesão social, a sustentabilidade e o conhecimento**.

3. Afirmar a Fundação como **impulsionadora da preparação das novas gerações e das novas lideranças** nas diferentes áreas em que atuamos, o que significa pôr a tônica da ação naquilo que acreditamos que o futuro vai exigir.
4. Potenciar a criação artística nas suas infinitas possibilidades, ativando o papel cívico da cultura, entendida num sentido amplo de criação, de inovação e de promoção da acessibilidade da cultura a todos os cidadãos.
5. Destacar o potencial das artes no questionamento, compreensão e diálogo entre diferentes épocas e civilizações, nomeadamente entre o Ocidente e o Oriente, tirando partido do legado e coleção do Fundador, bem como da relação próxima com as Comunidades Arménias.

6. Posicionar a Fundação como um **centro de reflexão** e debate, que enquadre os problemas de Portugal com os problemas da Europa e do Mundo, em parceria com as principais fundações, “think tanks” e universidades, contribuindo para a consolidação de um modelo de sociedade humanista e de diálogo entre culturas.

7. Aumentar a flexibilidade da organização no sentido de maior descentralização e transversalidade, baseada numa **cultura interna de agilidade, responsabilidade e compromisso**.

8. Manter a liberdade de opção nos caminhos a seguir, sem nunca diminuir a qualidade daquilo que fazemos, mas com a consciência de que a **prudência na gestão dos recursos** exige sempre escolhas.

VI. Conclusão

A terminar, uma nota pessoal

Tenho sido muito feliz nesta casa, indo agora, espero, viver um novo ciclo com a alegria e o entusiasmo de sempre e com um renovado sentido de futuro e de esperança.

Sei que só consegui chegar até aqui com o apoio permanente da minha família. E por isso, quero acima de tudo, dizer agora às minhas netas que uma carreira profissional é apenas, e só, uma parte importante da nossa vida.

A realização pessoal vai muito mais além, e exige escolhas, sensibilidade e bom senso que preservem o essencial - o amor, a família e a integridade.

Conciliar uma carreira com a família é um desafio também para os homens, mas a verdade é que as mulheres têm-se confrontado com mais dificuldades e incompreensão e têm feito um longo e persistente caminho na procura da igualdade.

Espero sinceramente que daqui a 5 anos todos os que têm confiado em mim tenham orgulho no meu mandato como a primeira mulher Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Senhor Presidente da República,

Estou certa que a Fundação poderá contar consigo em todas as ocasiões. Saiba que esta será sempre a sua Casa e que aqui encontrará interlocutores interessados e dedicados. Como não vejo melhor forma de começar o meu mandato e ainda que não estivesse previsto, gostaria de o convidar, se assim entender adequado, de subir a este palco e usar da palavra.

Isabel Mota

3 de Maio de 2017